



Vol. 4 - Nº 7 - Jan./jun. 2009

p. 47-65

## A PEDAGOGIA HUMANISTA DE SÃO JOÃO DA CRUZ (1542-1591) NO SÉCULO XVI<sup>1</sup>

César de Alencar Arnaut de Toledo<sup>2</sup> - UEM

Marcos Ayres Barboza<sup>3</sup> - UEM

**Resumo:** O objetivo deste texto é discutir as ideias pedagógicas humanistas na Espanha do século XVI por meio da análise da configuração do pensamento de São João da Cruz (1542-1591), religioso da Ordem dos Carmelitas Descalços. As ideias pedagógicas forjadas nesse período na Espanha fizeram parte da atividade formativa defendida por ele para os noviços e para os alunos das escolas elementares mantidas pela Ordem dos Carmelitas Descalços. Essas escolas elementares contribuíram de maneira significativa para a difusão das ideias pedagógicas humanistas. As escolas elementares de responsabilidade dos religiosos das Ordens Mendicantes, entre elas as dos Carmelitas Descalços, foram iniciativas decisivas em relação à educação escolar, à formação em leitura, escrita e cálculo, em língua vernácula, visto que criaram novos modelos de instrução e de educação elementar no início da Modernidade na Espanha, de onde se expandiu para as novas terras recém-conquistadas. Na reforma do Carmelo feita no século XVI, São João da Cruz e seus discípulos realizaram um grande esforço pedagógico para a expansão da leitura e da escrita nas comunidades onde se estabeleceram. A pedagogia presente nos textos de São João da Cruz apresenta características pedagógicas como, por exemplo, a afetividade como expressão da educação, da religiosidade e também da produção do conhecimento.

**Palavras-chave:** São João da Cruz. Escolas Elementares. Humanismo espanhol. Ideias pedagógicas. Tempos modernos.

### THE HUMANIST PEDAGOGY OF ST. JOHN OF THE CROSS (1542-1591) IN THE 16<sup>TH</sup> CENTURY

**Abstract:** The humanist pedagogical concepts in 16<sup>th</sup> Century Spain are provided by means of an analysis of the ideas of St. John of the Cross, a member of the Discalced Carmelite Order. The Spanish pedagogical ideas were part of the training activity defended by the philosopher with regard to his novices and to students of the primary schools maintained by the Order. The primary schools mentioned above were highly important for the spread of humanist pedagogical ideas. The primary schools maintained by the Mendicant Orders, among which may be found the Discalced Carmelite Order,

constituted decisive factors in schooling, training in reading, writing and mathematics and in the study of the vernacular languages. This occurred due to the fact that they established new models of instruction and elementary education in Spain at the start of Modern Period, from where they spread to the recently conquered lands of the Americas. In the 16<sup>th</sup> century reform of the Carmelite Order, St John of the Cross and his disciples undertook a great pedagogical effort for the spread of reading and writing in the communities in which they established themselves. St John of the Cross's texts features pedagogical characteristics such as affectivity as an educational, religious and knowledge-producing expression.

**Keywords:** St. John of the Cross. Primary schools. Spanish Humanism. Pedagogical ideas. Modernity.

## 1. INTRODUÇÃO

No final da Idade Média, os estudos escolares caracterizavam-se como locais de aprendizagem por excelência. Nela eram inculcados os preceitos pedagógicos da época, tais como métodos de raciocínio e de trabalho. A escola, apesar de ter o acesso restrito, era um lugar de sociabilidade e de descobertas. Aprendia-se a se comportar e a formar personalidade.

A partir do século XIV já se observava grande interesse das classes dirigentes e das elites pelo ensino elementar. Em alguns casos, as cidades eram responsáveis pela contratação de professores, pela sua remuneração e pelo seu alojamento. As crianças eram ensinadas por meio de provérbios, de fábulas e com pequenos poemas. Elas também recebiam formação religiosa de catecismos, histórias moralizantes e maneiras de como bem se comportar à mesa. Tais práticas pedagógicas eram comuns no final da Idade Média (VERGER, 1999).

A formação era pensada visando ao bom funcionamento das cidades. As igrejas, as cidades e os príncipes se preocupavam com o desenvolvimento de uma formação de caráter ideológico, porém as redes escolares não eram grandes, apesar de terem uma utilidade reconhecida, notadamente, no campo político. As universidades possuíam, contudo, as melhores condições de formação existentes. Tais centros atendiam, especialmente, a uma pequena parcela da população considerada a elite da sociedade.

As Ordens Religiosas, aos poucos, passaram a patrocinar o estudo das primeiras letras. Nas cidades, em várias regiões de Europa, as escolas elementares ganharam muita importância. Pode-se afirmar que as escolas elementares eclesásticas das Ordens Mendicantes tiveram um papel fundamental na formação das primeiras letras. Em praticamente todas as cidades europeias havia, pelo menos, uma escola elementar; porém os grandes centros eram bem providos de escolas elementares (VERGER, 1999).

Essas escolas, urbanas ou rurais, apresentavam características variadas. As escolas existiam havia muito tempo, notadamente entre os religiosos mendicantes. As escolas mantidas por esses religiosos destinavam-se, a princípio, aos seus iniciantes; mas, no decorrer dos anos, especialmente a partir do século XV em diante, as escolas dos religiosos mendicantes passaram a ser frequentadas por jovens das cidades em maior proporção.

Em meados do século XV, o estilo de erudição humanista ultrapassou os limites dos *studia humanitatis*, alcançando outros campos da cultura renascentista, inclusive a filosofia e as áreas das ciências, em particular a da educação. A influência da erudição humanista foi maior em função da preparação humanística que todo estudioso recebia nas escolas secundárias. Alguns humanistas começaram a compreender a importância de agregar ao *studia humanitatis* uma formação detalhada da filosofia.

Pode-se perceber a influência do Humanismo Renascentista na importância dada ao homem, à sua dignidade e ao seu lugar privilegiado no mundo. Na Espanha, o pensamento de São João da Cruz, religioso do século XVI, é representativo dos novos ideais pedagógicos de inspiração humanista, que muito contribuíram para o desenvolvimento da educação e das bases da pedagogia nos Tempos Modernos.

As Ordens Mendicantes tiveram um papel pioneiro, como resultado da expansão de escolas elementares para o atendimento das camadas populares, pelo incentivo ao ensino, em língua vernácula, da leitura e da escrita. O reformador carmelita, João da Cruz, teve esse propósito, na medida em que foram construídos novos conventos dos Carmelitas Descalços nas cidades em que se fixavam, inspirado nos ideais pedagógicos do Humanismo. Para melhor entendimento desse movimento, faz-se necessário analisar a relação entre Renascimento, Humanismo e Educação.

## 2. RENASCIMENTO, HUMANISMO E EDUCAÇÃO

O Humanismo caracterizou-se como um movimento de grandes transformações envolvendo o homem e sua relação com o mundo. Sobre esse conceito, em muitos manuais existe uma preocupação didática em dividi-lo em dois momentos: o Renascimento e o Humanismo. Entende-se, porém, que ambos constituem uma unidade, visto que se referem a uma época que buscou responder às necessidades de seu contexto histórico, envolvendo questões de ordem econômica, política, social, cultural e, notadamente, educacionais (MANACORDA, 1992; CAMBI, 1997).

Tais transformações foram iniciadas no século XIV, mas seus efeitos ganharam maior expressão no modo de vida da sociedade nos séculos posteriores, entre o século XV e XVI, especialmente por meio de dois elementos significativos: a formação dos Estados Nacionais e a ascensão da burguesia, dentre outros. Nesse

período, as cidades se tornaram o centro da vida social, estimuladas, em parte, pela propulsão da economia e da cultura. Não se trabalhava mais somente para viver, mas para aumentar a riqueza e o poder econômico e social.

Quando o pensamento renascentista penetrou nas escolas e nas universidades, seus efeitos foram aos poucos se tornando visíveis na vida intelectual de toda a Europa. Em muitas regiões tal influência verificou-se com o ressurgimento do saber clássico e as significativas mudanças ocorridas nos currículos das escolas e das universidades. Todavia, a influência renascentista no norte da Europa, especialmente com o desenvolvimento das ideias humanistas de Erasmo de Roterdão (1466/69-1536), apresentavam, certamente, uma revolução intelectual, contudo, com tonalidades religiosas. Esse estudioso era absorvido pela fé cristã, em seu afincamento de reforma da Igreja, para que ela ficasse livre de seus abusos e adotasse uma política renovadora. Descobriram-se, na sabedoria clássica, novas perspectivas de estudo, especialmente dos textos da Bíblia e dos Padres da Igreja.

As ideias defendidas por Erasmo, de reforma da Igreja, muito contribuíram para preparar o caminho dos reformadores protestantes. Na Alemanha, Martinho Lutero (1483-1546) iniciou um movimento de reforma religiosa que culminou em profundas transformações no modo de vida social e cultural, ainda mais pelo significado educativo, visto que as ideias religiosas protestantes colocaram as Sagradas Escrituras mais próximas do fiel, com a valorização de uma religiosidade mais interior, na medida em que incentivou a educação elementar em instituições públicas mantidas pelo poder municipal, criando as bases da ideia do direito universal à educação, ao menos no âmbito da educação elementar, princípio da obrigatoriedade e da gratuidade da educação básica (ARNAUT DE TOLEDO, 1999).

Com a ruptura na unidade da Igreja Católica operada pelo movimento social e cultural desenvolvido pela reforma protestante houve um grande vigor de renovação no interior da Igreja, sobretudo com a realização do Concílio de Trento (1546-1563). Nele foram desenvolvidos os planos de reforma da Igreja Católica e, também, um novo projeto de vida eclesial, que fez grandes transformações nas normas disciplinares e nas pastorais de todos os religiosos, maior incentivo aos estudos Bíblicos nas universidades, com a realização dos cursos superiores em Teologia e, especialmente, ao desenvolvimento e expansão das Ordens Religiosas, sobretudo das Ordens Mendicantes.

A valorização da ação humana exigiu esforços para estabelecer princípios e maneiras de socialização que contribuíssem para o desenvolvimento das relações individuais e sociais. Tais exigências abriram espaço para a expansão de práticas educativas e pedagógicas; buscou-se uma educação articulada aos interesses políticos e religiosos para a conformação do indivíduo à sociedade. Houve todo um esforço de renovação dos processos educativos, por meio de técnicas educativas e escolares. A preocupação das autoridades públicas e da Igreja era com a criação de uma sociedade disciplinar para o exercício de um sistema de controle sobre os indivíduos. Nesse sentido, a escola assumiu uma função social de caráter determinante (CAMBI, 1999).

O interesse da Igreja Católica na formação cultural e social de seus fiéis encontrava ressonância na renovação da concepção de homem desenvolvida pela Igreja, ainda mais com o novo projeto de “vida apostólica” assumido pela instituição. Tal mudança expressou também a influência da concepção renascentista de individualidade, alicerçada na ideia da grandeza e da unicidade do homem, com fundamento em uma visão mais antropológica do indivíduo, e não na divindade.

Essas eram características do Humanismo. A contribuição fundamental dos humanistas renascentistas consistia no firme propósito de que falar e escrever bem envolviam o estudo e a imitação dos antigos. Assim, o estudo dos clássicos, em parte, estava acompanhado do objetivo literário e prático dos retóricos, ou seja, escrever e falar bem. No campo dos estudos latinos havia uma estreita ligação com os interesses retóricos e práticos. Com o Humanismo, apesar dos conflitos existentes relacionados ao papel do conhecimento na construção da sociedade e da visão de mundo existente, buscou-se o desenvolvimento de uma formação elementar de caráter utilitário, de acordo com o modelo da fraternidade religiosa franciscana.

Muitos autores clássicos, como Lucrecio (c. 99-55 a.C.) foram descobertos pelos humanistas. Do mesmo modo, obras de autores latinos clássicos pouco divulgadas durante a Idade Média foram amplamente publicadas pelos humanistas renascentistas. Os humanistas renascentistas eram excelentes copistas, e também editores dos clássicos latinos; com a introdução do papel como material de escrita, a divulgação foi ampliada e se tornou maior a popularidade dos clássicos latinos, entre os séculos XIV e XV, o que tornou a divulgação das obras mais econômica, contribuindo para a organização de um comércio de livros manuscritos (KRISTELLER, 1993).

Os humanistas desenvolveram técnicas de crítica textual e histórica, além de aprimorarem a ortografia, a gramática e a retórica latinas por meio de suas atividades pedagógicas nas quais incluíram seus conhecimentos filosóficos e históricos. Desenvolveram e aperfeiçoaram as críticas dos autores latinos, difundiram o grego nos planos de estudos de todas as universidades e nas melhores escolas secundárias da Europa ocidental, mas o conhecimento do grego foi comparativamente escasso em relação ao latim, que continuou sendo o meio usual de estudo e de aprendizagem.

Muitos dos tratados e diálogos escritos pelos humanistas envolviam questões morais, incluindo os problemas pedagógicos, políticos e religiosos. Os tratados eram fundamentais por várias razões: a) apresentavam elegância e clareza de estilo; b) pela sua sabedoria clássica; c) por expressarem o pensamento de autores que ocuparam os seus corações e suas mentes com questões as mais diversas.

O renascimento, afastando-se da tendência de fuga do mundo e da tendência de subordinação de tudo e de todos à religião, ligou-se a uma terceira, que compreende a necessidade de afirmação da autonomia das atividades humanas, com base em uma racionalidade intrínseca, mas acabou exaltando demais essa autonomia, transformando-a em independência e separação.

Um dos elementos que mereceram destaque no enfoque humanista da religião e da teologia foram os ataques diretos ao método escolástico e a insistência na volta dos estudos dos clássicos cristãos, ou seja, a Bíblia e os Padres da Igreja. Dentre eles, ganharam maior destaque as obras de Santo Agostinho, já que ele era o mais completo de todos; não era somente um excelente retórico e muito culto, mas também por recorrer ao método alegórico para justificar os estudos dos poetas e prosistas romanos. Pode-se dizer que o humanismo cristão absorveu uma grande quantidade de ideias filosóficas gregas e de tradições gregas e latinas, traduzidas por humanistas e teólogos de educação humanista dos séculos XV e XVI.

Autores como Vives e Erasmo aplicaram aos padres da Igreja latina novos métodos de publicar e comentar, que os humanistas haviam desenvolvido ao estudarem os autores antigos. Muitas cópias e manuscritos das obras de Santo Agostinho devem-se ao empenho e ao esforço erudito dos humanistas. Vives, por exemplo, compôs um comentário filológico à obra *Cidade de Deus*, com o qual se devolveu uma integridade verdadeiramente humanista ao escrito de Santo Agostinho. Erasmo, do mesmo modo, organizou edições críticas de várias obras completas de escritores cristãos. O interesse pela literatura cristã não se encontrava limitado à preocupação de ordem filológica e histórica, pois teve consequências também nas áreas de filosofia e de teologia; o estudo humanístico da Bíblia e dos Padres da Igreja permitiu novas interpretações do pensamento cristão, com características Renascentistas e da Reforma.

No século XVI, Erasmo foi um dos grandes nomes do humanismo renascentista, especialmente com a publicação de obras voltadas para o gênero pedagógico e literário, que muito contribuíram para moldar a pedagogia moderna. Ele, com a publicação da obra *Declamatio de pueris statim ac liberaliter instituendis* ("A precoce e liberal educação das crianças"), em 1529, desenvolveu sua concepção de educação, buscando mostrar a necessidade de uma ação pedagógica voltada para a formação das crianças, pouco comum naquele período.

A relação entre política e economia, que estimulou o aumento da produção, contribuiu para o desenvolvimento de novas técnicas e de novos conhecimentos, notadamente pelo entusiasmo em diversos setores da vida social com as possibilidades proporcionadas pelas grandes descobertas marítimas. No campo da educação e da pedagogia, o Humanismo surgiu como uma renovação, especialmente do modelo tradicional de formação, contribuindo para que o homem desenvolvesse novas capacidades e habilidades intelectuais para o exercício de diversas funções sociais emergentes (MANACORDA, 1992).

A educação pensada por Erasmo, ainda que envolvida pela aristocracia, fez dele o iniciador de uma nova perspectiva educacional, ou seja, a configuração de uma pedagogia voltada para o cuidado das crianças. Ele, além de possuir um gênero pedagógico e literário que o tornaram um dos grandes representantes do humanismo renascentista, desenvolveu também uma obra de civilidade — *De civilitate*

*morum puerilium* (“Civildade pueril”), publicada em 1530, em que se dedicou ao tema da etiqueta e das boas maneiras.

Por meio dessa obra, Erasmo ficou reconhecido como um grande pedagogo, devido à sua grande repercussão. Ela contribuiu para a discussão, naquela época, sobre as maneiras de aprender, especialmente com a tradução e com as novas interpretações de autores clássicos da Antiguidade, desenvolvendo um novo modo de o homem relacionar-se com a natureza e com a religião, tendo como base o surgimento de uma nova visão de homem, em que o sujeito passa a ser a medida de todas as coisas, o que tornou o tema da aprendizagem e do ensino fundamental para a intensificação da veiculação e da aceitação das ideias humanistas (ARNAUT DE TOLEDO, 2004).

Nesse período também foi decisiva a influência de Juan Luís Vives. Ele escreveu várias obras, tratando de variados temas, nas áreas de filologia, política, moral e educação, dentre outras; mas, não desmerecendo a amplitude de sua erudição, pode-se afirmar que foram os seus escritos de caráter pedagógico e moral que muito explicaram o modelo de educação forjado no período do humanismo renascentista, especialmente com a publicação de suas obras *De las disciplinas*, em 1531, e *Introducción a la sabiduría*, de 1524 (BERNARDO, 2005).

A influência de autores humanistas como Erasmo e Vives no pensamento religioso espanhol foi muito significativo. Tais ideias contribuíram para o desenvolvimento de uma tendência no meio religioso de uma prática pedagógica preocupada com a formação elementar, envolvendo a leitura, a escrita e o cálculo. Tratou-se de um esforço para preparar as camadas populares, em parte, nas escolas elementares de responsabilidade de religiosos de Ordens Mendicantes, para o estudo da Bíblia e dos Santos Padres da Igreja em língua vernácula.

Na Espanha, no século XVI, as iniciativas de reforma das Ordens Mendicantes muito contribuíram com os intentos da Igreja de formação popular, especialmente com a formação de escolas, colégios, seminários e fundação de novas universidades, desenvolvendo, dessa maneira, “[...] um sistema orgânico de instrução que se afirma de maneira expansiva em escala mundial e lança os fundamentos da escola moderna, laica e estatal” (CAMBI, 1999, p. 260).

A educação privilegiava uma formação que envolvia instrução com educação; tratava-se de uma educação literária humanística, a qual buscava preparar os futuros dirigentes para atuarem na vida pública e na administração do Estado, que muito influenciou na transformação dos costumes e da própria cultura da educação dos nobres. Entre as classes populares, buscava-se o ensino das primeiras letras para que todos tivessem acesso ao estudo da Bíblia e dos Padres da Igreja.

Os carmelitas reformados estabeleceram novas relações com as comunidades, tendo uma participação mais ativa na vida dos leigos, consequência da crescente urbanização; e, por último, temos o movimento humanista da renascença, visto que os ideais renascentistas contribuíram para o forjamento de uma nova visão de homem e para um crescente desencantamento do mundo, a retomada da leitura dos clássicos pelos humanistas, do período renascentista, correspondeu à

configuração de uma nova pedagogia, forjada no interior das comunidades urbanas, com elementos pedagógicos da educação Humanista que muito contribuíram para o surgimento da moderna pedagogia.

Tais aspectos são fundamentais à compreensão da espiritualidade carmelita e das bases da pedagogia Humanista. A mudança para o modo de vida mendicante não ocorreu sem lutas no interior da Ordem, mas o modelo de vida e de espiritualidade eremítica primitiva foi modificado de acordo com a norma de vida dos mendicantes. Nesse sentido, a espiritualidade eremítica passou a ser exercida em solidariedade com a crescente urbanização.

A ênfase do trabalho religioso dos mendicantes carmelitas recaiu sobre a vida neste mundo, de acordo com o ideal Humanista de valorização do homem e da vida terrena. Este era o principal aspecto da regra e da nova espiritualidade carmelita, isto é, “deixar tudo e pôr em prática a palavra de Cristo” (UBBINK et alii, 1980, p. 26) no interior da cultura urbana.

A nova espiritualidade carmelita mais adequada aos valores culturais da vida urbana surgiu em uma época de renascimento religioso, inspirada no movimento renovador dos mendicantes, especialmente os franciscanos. Esta nova espiritualidade nasceu em reação aos sinais das mudanças sociais e culturais visivelmente já observadas a partir do século XII, melhor definidas em sua totalidade, entre os séculos XV e XVI, na medida em que o centro cultural e de gravidade econômica e social foi sendo transferido do campo para a cidade.

Na produção poética e doutrinal de João da Cruz há uma preocupação didática notadamente na maneira peculiar com que ele usa a linguagem para comentar os seus textos poéticos. Neles, existe um evidente cuidado com a arte de ensinar. Há, em seus escritos, um exercício didático que busca a renovação da cristandade pela vida interior, pela reforma da educação religiosa, com fundamento em práticas pedagógicas configuradas no Humanismo cristão, forjando, ainda que incipientemente, o nascimento de uma educação de caráter mais utilitário (WEBER, 2004).

### **3. JOÃO DA CRUZ (1542-1591) E AS IDEIAS PEDAGÓGICAS HUMANISTAS NO SÉCULO XVI**

João da Cruz (1542-1591), religioso carmelita, nasceu em Fontiveros (Ávila), em 1542. Recebeu formação elementar no Colégio dos “*Doctrinos*”, na cidade de Medina del Campo, na Espanha, entre 1551-1559. No Colégio dos Jesuítas, na mesma cidade, entre 1559-1563, estudou humanidades; seus estudos universitários foram desenvolvidos na Universidade de Salamanca, entre 1564-1568 (DA CRUZ, 2002).



Os religiosos carmelitas fazem parte da ordem católica de Nossa Senhora do Monte Carmelo, fundada no século XII pelo ermitão francês São Berthold. A regra original, escrita em 1209 pelo patriarca latino de Jerusalém, Alberto de Vercelli, era muito severa: exigia que vivessem em pobreza e na solidão, abstendo-se de comer carne. O inglês São Simon Stock reorganizou os carmelitas em uma ordem mendicante, passando a fazer parte da família franciscana, tornou o seu apostolado mais ativo (UBBINK et alii, 1980).

No contexto da mística espanhola e na tradição ocidental do século XVI, a obra de João da Cruz é uma das principais correntes da poesia e da literatura moderna. Seus textos literários envolvem uma experiência mística e poética; e é considerado um dos mais líricos poetas da literatura espanhola do século XVI. Foi declarado Doutor Místico da Igreja Católica, em 1926, e os seus textos que escreve sobre textos místicos são tratados doutriniais (PRANT, 1943).

A poesia mística de João da Cruz é considerada a mais alta expressão do misticismo espanhol. A composição hermética de seus poemas fez com que a sua escrita em prosa fosse destinada à explicação de suas obras poéticas, em que, dentre elas, se destaca “Noite escura”, “Cântico espiritual” e “Chama viva de amor” (SCIADINI, 1989; STINISSEN, 2001).

A questão da “noite escura”, em João da Cruz, tem relação com sua própria experiência formativa. Entre 1568 a 1570, seus superiores já observavam as características de sua austeridade, predileção pela oração noturna e assiduidade ao estudo. No período em que permaneceu no Colégio San Andrés, estudou também sobre os místicos. Leu “as Moralia”, de São Gregório Magno, e, notadamente, os escritos místicos do Pseudo-Dionísio: “Hierarquia Celeste”, “Hierarquia Eclesiástica”, “Nomes Divinos” e “Teologia Mística” (SESÉ, 1995).

No entender de São João da Cruz, os membros da ordem dos carmelitas haviam se acostumado a uma vida de gozo, prazer e consolo. Não aconselhava tais hábitos, apreciava a pobreza, a castidade e obediência; julgava ainda a necessidade de viver a radicalidade do Evangelho. Em suas ações buscava a humildade, a penitência, a observância das regras, a disciplina, a contemplação espiritual e a prática das virtudes.

Pela leitura de sua obra pode-se observar que o conceito de educação aparece em seu contato íntimo com a prática formativa. A sua atividade docente não ocorreu por acaso, pois ela é fruto do resultado de suas reflexões e angústias a respeito da formação dos primeiros carmelitas descalços, para os quais desejava um profundo desenvolvimento de suas potencialidades.

O tema da educação não é um dos grandes temas do pensamento de João da Cruz, porém, na finalidade de transmitir o conteúdo de sua experiência mística, é aqui onde o tema da educação se insere, pois apresenta, de forma orgânica e pedagógica, a sua mística, para dela se servir para a formação dos irmãos da ordem dos carmelitas descalços. Como responsável pela formação dos irmãos carmelitas, João da Cruz recorreu à sua experiência mística para atrair a atenção e

o interesse dos iniciantes (SESÉ, 1995; STINISSEN, 2001).

Após o Concílio de Trento (1545-1563), a geração de João da Cruz foi a primeira a se beneficiar pela dedicação aos estudos bíblicos, visto que, no Concílio, defendeu-se que o cristão deveria conhecer melhor a Bíblia. Para tanto, as questões de ordem religiosa interferiam de maneira decisiva na estrutura da sociedade e na mentalidade da vida espanhola.

Essas influências foram determinantes nos rumos da educação elementar espanhola. Na Espanha, foram feitas reformas profundas na educação religiosa, notadamente nos anos posteriores ao Concílio de Trento. Essas mudanças foram fundamentais para o desenvolvimento e a expansão das escolas elementares. Com base no Humanismo Cristão, as Ordens Religiosas Mendicantes desenvolveram um movimento de interiorização da religiosidade e da espiritualidade, pelo emprego de novas práticas pedagógicas, inspiradas nas idéias humanistas.

O envolvimento da espiritualidade carmelita com a vida em e para a comunidade enfatiza o momento de uma nova religiosidade, mais afeita às necessidades daquele momento, sobretudo pelo movimento de contrarreforma existente no interior da Igreja, intensificado entre os séculos XV e XVI. No itinerário místico de João da Cruz, observa-se que a mudança do centro de gravidade na ordem econômica e social foi transferida do campo para a cidade; a antiga riqueza fundada sobre poses de terras foi superada pela riqueza urbana, mediante a circulação comercial de produtos e pessoas (UBBINK et alii, 1980). A vida em sociedade exigiu novos costumes, valores e hábitos, que somente foram sendo apropriados na medida em que as populações eram alfabetizadas.

O ambiente cultural em que viveu João da Cruz, caracterizado por uma expressiva formação humanística, presente desde os primeiros estudos até a Universidade, contribuiu significativamente para a elaboração de suas principais obras *Subida do Monte Carmelo* e *Noite Escura*, com as quais desenvolveu o seu magistério espiritual (DA CRUZ, 2002). Em sua época, a progressão espiritual para Deus exigia, dos religiosos e fiéis, o domínio da leitura e da escrita como etapa obrigatória.

Na Espanha, a expressão do Humanismo ocorreu com a sua divulgação na Universidade de Alcalá, que se pôs a serviço da teologia. O mestre Alonso de Herrera, primeiro catedrático de retórica e gramática da universidade, de 1508 a 1513, considerou que o incentivo do Cardeal Francisco Jiménez de Cisneros (1436-1537) na divulgação do Humanismo na Universidade de Alcalá tornou esta universidade um dos principais centros de formação universitária da Espanha no século XVI (RODRIGUEZ, 1979).

Com o estabelecimento das bases do Estado Moderno pelos Reis Católicos, nome pelo qual são conhecidos Isabel I (1451-1504), rainha de Castela (1474-1504), e seu marido Fernando II (1452-1516), rei de Aragão (1479-1516), a juventude espanhola se lançou ao estudo com um esforço tenaz. Os Reis Católicos possuíam grande apreço pelo movimento humanista; a nobreza espanhola, ao com-

preender o valor enobrecedor das letras, abriu-se à cultura: *“Este despertar cultural afecta a literatura, estúdio de las lenguas, teología, política, economía y a la misma espiritualidad”* (ANDRES, 1977, p. 13).

O Humanismo, no que se refere ao seu desenvolvimento na Espanha no século XVI, não se caracterizou puramente como literário e formal; sua influência repercutiu na busca pela verdade nas áreas de geografia, de astronomia, de filosofia, de teologia, de ascética e de pedagogia. Na área da educação, houve uma grande preocupação com a sistematização de métodos ou de caminhos que facilitassem o desenvolvimento das ciências e da ascensão da alma a Deus.

Por volta da metade do século XVI, o foco de interesse do Humanismo cristão foi a disputa para harmonizar graça e liberdade, lei e liberdade e o direito dos homens e da sociedade. A Universidade de Alcalá foi o principal centro do Humanismo na Espanha, por se caracterizar pela volta ao estudo das fontes, ao cultivo das línguas e ao gosto literário, e à valorização do homem e de sua dignidade (ANDRES, 1977).

A expansão do comércio marítimo e a descoberta de novas terras e mares, as conquistas, explorações, empresas, saberes, métodos científicos e espiritualidade desenvolveram um forte sentimento pela busca da verdade: *“El ambiente invita y casi obliga a una renovación crítica constante. Buscar tierras y rehacer mapas [...] ideas y rehacer sistemas, poner nombres a muchas cosas que no lo tenían en geografía, en ciencia, en espiritualidad”* (ANDRES, 1977, p. 14).

Tratava-se de uma busca das fontes primárias para a formação dos teólogos; da verdade em diversos sistemas teológicos; de caminhos ou vias mais idôneas para a união com Deus e para a cristianização da América e evangelização mais efetiva do próprio povo cristão.

Nesse ambiente, não cabia oposição entre teologia escolástica e mística, entre oração e ciência, em meio a diversos sistemas teológicos fechados, endurecidos e marcados pelo espírito partidário. As escolas teológicas identificavam-se, no século XV, com as grandes Ordens Religiosas, tais como: dominicanos, franciscanos, agostinianos e carmelitas. Nessa época, a teologia havia se reduzido a disputas entre conventos rivais. A geração humanista espanhola do século XVI superou esses conflitos, e começou a buscar a verdade mais livremente. Uma das características comuns do período em toda a Europa era a ânsia por uma nova espiritualidade, que se desenvolvia entre os religiosos, nobres e humanistas.

O descobrimento da América abriu muitos caminhos para a Espanha. O impacto, em poucos anos, repercutiu de maneira expressiva entre os espanhóis. O descobrimento, em seu conjunto, trouxe uma nova consciência, que reverberou na Espanha não somente de maneira quantitativa, mas, qualitativamente. As Ordens Religiosas, tais como franciscanos, dominicanos, agostinianos e carmelitas, encontraram um campo aberto aos seus intentos apostólicos e vocacionais.

Em 1521, houve, na Espanha, a primeira reação contrária à propaganda Protestante com a elaboração de uma carta escrita, em 11 de abril de 1521, pelos

governadores da Espanha ao Imperador Carlos V (1500-1558). Nela, os governadores expuseram que era uma dádiva servir aos propósitos da Igreja Católica e, desse modo, a corte e a nobreza espanhola envolveram-se na causa do cristianismo evangélico de Erasmo, provocando um movimento de reforma mais humanista e cultural, menos profundo e comprometido, como o que se realizava no interior das Ordens Religiosas (ANDRES, 1977).

Tanto os humanistas como os religiosos observantes cultivavam os valores de uma vida interior e virtuosa, uns como pedagogos e outros como ascetas, que buscavam a perfeição espiritual; recomendavam a leitura dos clássicos da arte e da espiritualidade; defendiam a dignidade corporal e espiritual do homem; enfatizava o conhecimento próprio como caminho de união com Deus. Apesar de o Humanismo espanhol formar-se como uma corrente mais aristocrática e culta, os religiosos observantes aceitaram o ponto de vista estético, a renovação dos métodos teológicos, o enriquecimento dos temas e o conhecimento mais profundo e universal do homem (ANDRES, 1977).

Entre os religiosos e as ideias erasmistas, separados durante muitos anos, passou a haver uma fecunda colaboração. Os pontos em comum eram: a aceitação da ideia medieval de progresso; valorização da atitude de busca da verdade, da história e do estudo das línguas como preparação básica para o futuro teólogo; valorização da dignidade humana e do livre arbítrio, a liberdade para investigar, a liberdade política, os direitos humanos e a harmonia entre liberdade e graça e entre liberdade e lei; acreditavam na possibilidade de equilíbrio entre teologia escolástica e mística; na busca do conhecimento de si mesmo e promoção da volta ao estudo dos clássicos latinos e gregos; no desenvolvimento de um cristianismo interior e essencial; esforçavam-se em levar o homem a Deus por meio de seu itinerário místico; acreditavam no ideal de perfeição dos homens; não eram contrários ao intelectualismo, nem à experiência e valorização da dignidade humana.

O movimento humanista significou um grande despertar do homem e de sua própria exaltação, “[...] *en torno a él gira todo y tiene en él su punto de partida: ciencia, gobierno de las ciudades, conquistas exploraciones, poder, riqueza*” (DE MONTOYA, 1968, p. 10). A valorização da vida terrena “[...] *tiene ahora un valor sustantivo: es en ella donde es posible conquistar fama y honores*” e o espírito de nacionalismo “[...] *vibra en los protagonistas de la historia de esta etapa cultural, el amor al terruño, desconocido en la medieval*” (DE MONTOYA, 1968, p. 14).

Esse movimento evidencia, ente outras coisas, a descoberta do sentido da historicidade da cultura e o nascimento de uma nova antropologia, que exalta a subjetividade e a individualidade: “*Es el hombre el que levanta casas y palacios para la vida refinada y muelle; el que construye las ciudades y las puebla con obras de arte, mármoles, torres estatuas, arcos de triunfo*” (DE MONTOYA, 1968, p. 11).

Tais características da nova cultura repercutiram no campo da educação, pela valorização das instituições escolares que, posteriormente, tornaram-se presentes em quase todas as cidades, ainda mais influenciadas pelo movimento de

reforma das Ordens Religiosas ocorrido na Espanha no século XV e início do século XVI.

Os efeitos educativos do humanismo foram extraordinários. Buscava-se a formação de um homem que fosse íntegro e com habilidades para atuar e enfrentar os problemas vividos em sua época: *“Es un ideal mundanal, cívico”* (DE MONTOYA, 1968, p. 18). Em relação ao conteúdo, havia uma grande preocupação com a formação física e social, sobretudo de caráter estético: *“Y la educación intelectual se centra en la búsqueda del ‘dolce stil nuovo’, la elocuencia y el poetizar [...] Gramática, será ‘prima scienza pedagoge’, con el rol de introducir a la Elocuencia”* (DE MONTOYA, 1968, p. 18).

No que se refere à disciplina, buscava-se por uma educação mais liberal, com menor ênfase aos castigos corporais, considerados inadequados ao homem livre e autossuficiente: *“Prefieren el estímulo, la excitación del sentimiento del honor, el amor a la gloria”* (DE MONTOYA, 1968, p. 19).

Tais elementos são característicos da pedagogia humanística, fundamentada no Humanismo Cristão, sobretudo pelas ideias educacionais elaboradas por Erasmo, que consistiam na valorização de três fatores básicos, essenciais para o desenvolvimento humano: a natureza, o método e o exercício. A natureza compreende a propensão e a disposição para o bem, o método caracteriza-se pelos ensinamentos e preceitos e, por fim, o exercício trata-se da disposição do aprendiz em exercer uma vida com base na natureza e no método apreendidos (ARNAUT DE TOLEDO, 2004, p. 92).

Uma das características mais importantes dos textos místicos de João da Cruz traduz-se na riqueza psicológica com que descreve o itinerário espiritual das noites de união com Deus pela interiorização da fé e da religiosidade. Trata-se de uma espiritualidade que purifica os sentidos e o espírito por meio da inteligência, da vontade e da memória. Em sua visão, a satisfação sem limites dos sentidos compromete a relação do homem consigo mesmo e com os demais. O rigor educativo dos sentidos humanos possibilita a conquista da liberdade, isto é, de seu agir sobre o mundo. A purgação dos apetites não tem uma finalidade em si mesma; trata-se de uma condição para a conquista de uma posse superior, que se encaminha ao encontro do amor, da verdade e da luz divina.

Para ele, as faculdades espirituais devem ser purificadas mediante o exercício das virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. A união com Deus é realizada por meio de uma intensa vida de fé, na qual o amor divino exige a não satisfação das motivações humanas. O trabalho pedagógico da noite mística purifica os sentidos e o espírito para canalizar as forças psíquicas no esforço de união com Deus. Essa foi uma das principais características da espiritualidade espanhola no século XVI, uma vez que a interiorização da fé e da religiosidade envolve o homem em si mesmo na busca de Deus, pela renúncia da satisfação, sem limites, de suas motivações (DA CRUZ, 2002).

Compreende-se que João da Cruz não se ocupava do conhecimento da natu-

reza da alma; buscava apreender as vivências imediatas, com base na experiência cotidiana e pela riqueza advinda do contato com os demais. João da Cruz logo se fez notar, pelas suas qualidades intelectuais e, particularmente, pela sua qualidade de formador e de diretor espiritual. *“No es la razón la que pone en contacto más estrecho con la última verdad, sino la experiencia amorosa, por la cual el hombre se transforma en Dios, que es la última verdad”* (ANDRES, 1977, p. 167).

Os textos “Subida do Mote Carmelo” e “Noite Escura” representam, em seu pensamento, o seu testemunho místico, além, é claro, de ser uma etapa para todos aqueles que buscam o caminho místico. Uma das grandes contribuições desse místico espanhol para o campo da educação consiste na maneira como propõe, de forma pedagógica, a sua experiência mística que visa o encontro com o sagrado e, ainda, como meio necessário para que se possa apreender o conhecimento místico.

Os textos representavam as etapas pelas quais o corpo e os sentidos humanos eram disciplinados para se alcançar a sabedoria e a inteligência transcendental necessárias ao caminho religioso de ordenação para Deus. A disciplina do corpo e dos sentidos, em seus textos, representava a maneira pela qual a alma se elevaria para além de sua finitude, com o firme propósito de aproximação com o sagrado. A busca do conhecimento, concomitante com a oração, mortificação e solidão, era uma constante na vida do místico espanhol. Para ele, o conhecimento só seria possível desde que o iniciante se mantivesse firme no cumprimento dos princípios doutrinários da Ordem e, nesse caso, sua disciplina de estudos, oração e contemplação ofereciam as condições para que o corpo e seus sentidos fossem adaptados para esse fim.

Para ele, entre outros, existiam três etapas de progressão para Deus: a purgativa, a iluminativa e a unitiva. A primeira etapa, a purgativa, é o momento de conversão, do despertar da consciência para o mistério divino; nessa etapa, movido pela fé em Deus, o iniciante começa a distinguir o certo do errado, que é um esforço de purificação ativa realizado pelo homem. Pela mortificação elimina os desejos e os apetites desordenados que tiram a força da alma que ela nutre por Deus. Os apetites desordenados são as vontades e as potências inferiores à criatura; a vontade livre e a consciente é a raiz de todos os desejos; e, quando nascem com veemência estimulando a parte sensível da natureza, são chamados de apetites que, por não estarem a serviço de Deus, estão desordenados.

A etapa iluminativa é caracterizada pela aproximação com as forças divinas no espírito humano. Por isso, esse segundo período é o resultado direto dos exercícios e da disciplina desenvolvidos na primeira etapa. A iluminação consiste em um processo em que a substância da alma é aos poucos invadida pela graça, adquirindo, dessa maneira, as virtudes e os dons teologais. A graça, ao se compenetrar na substância da alma, fortalece a fé, a certeza e a determinação humana, contudo as potências do entendimento, da memória e da vontade ainda não se encontram totalmente purificadas, aliás, a pureza da alma ainda é relativa. Para tanto, é preciso

eliminar as imperfeições que não desapareceram com a purificação ascética que, segundo São João da Cruz, por se tratar de uma etapa em que as revelações são intuitivas, pode acontecer que a pessoa caia em arrebatamentos e visões perigosas, confundindo as primeiras experiências de contemplação direta com o divino.

Na terceira etapa, a unitiva, a alma já alcançou um grau de perfeição que lhe permite estabelecer um contato íntimo com Deus. Nela, a alma se encontra “deificada” com o contato da substância divina; é considerada pelos místicos o ápice do itinerário espiritual, já que a união íntima e direta com a divindade é a realização máxima de todos os que percorrem a senda espiritual. É onde, segundo São João da Cruz, acontece o “matrimônio espiritual”, símbolo máximo e o foco central de sua obra, visto que ele concebe sua poética e a sua doutrina com base na união com Deus, ou seja, atingir a *unio mystica*.

Para São João da Cruz, a “Subida do Monte Carmelo” seria a primeira etapa na qual o religioso teria a responsabilidade de negar os prazeres da vida como uma preparação necessária à vida religiosa, único caminho possível de encontro com Deus. Entendia que a purificação ativa dos sentidos era a maneira pela qual o religioso, em razão dos prazeres internos e externos, não causaria danos a si mesmo, como: privação do espírito de Deus, cansaço e fadiga, tormento, escuridão e cegueira, impureza e enfraquecimento na virtude.

Para a alma se livrar de suas imperfeições, ela deveria ser mortificada de todos os prazeres, por mais mínimos que sejam. Nesse projeto, para alcançar a purificação seria preciso passar pela noite dos sentidos, que, segundo ele, ocorreria pela purificação ativa do entendimento, da memória e da vontade. Essas virtudes seriam essenciais para todos aqueles que procuravam o Absoluto. Por meio delas seria possível romper a imperfeição humana.

A noite escura seria exatamente uma ruptura que levaria a um estado de crise necessário ao crescimento. Assim, no mais íntimo da vida interior, a inteligência cederia ao forte apelo à compreensão para dar lugar à fé, a única que seria capaz de eliminar o entendimento do conhecimento do mundo. “[...] João da Cruz não hesita em dizer que a união com Deus acontece somente através de uma intensa vida de fé. [...]” (SCIADINI, 1989, p. 29).

No livro “Noite Escura” João da Cruz vai dizer que seria necessário passar pela noite passiva do espírito para chegar a Deus. Para ele, “Esta noite escura é um influxo de Deus na alma, que a purifica de suas ignorâncias e imperfeições habituais, tanto naturais como espirituais [...]” (DA CRUZ, 2002, p. 493). Isso quer dizer que a purificação da alma só poderia acontecer com a purificação do espírito, isto é, não bastava eliminar as imperfeições do sentido, pois era necessário um esvaziamento espiritual.

Dessa forma, entendia que todas as impurezas humanas são originárias do espírito, por isso “[...] enquanto este não é purificado, as revoltas e desmandos do sentido não o podem ser suficientemente” (DA CRUZ, 2002, p. 491) A noite passiva do espírito apresentava duplo aspecto: o moral e o ontológico. O aspecto moral

quer dizer que Deus é santo demais, na medida em que a luz Divina penetra o espírito humano este passa a perceber e a se convencer do pecado. Com relação a esse aspecto, São João da Cruz diz que “Na escada, os mesmos degraus servem para subir e descer. Assim também, nesta secreta contemplação, as mesmas comunicações por ela feitas à alma, ao passo que a elevam em Deus, humilham-na em si mesma [...]” (DA CRUZ, 2002, p. 543).

João da Cruz quer mostrar, dessa maneira, que não é a ausência de Deus que nos leva ao sofrimento, mas, sim, a presença divina no homem: “como é muito clara e pura a luz e sabedoria desta contemplação, e a alma, por ela investida, está tenebrosa e impura, sente muito sofrimento ao receber essa luz” (DA CRUZ, 2002, p. 495).

Com relação ao aspecto ontológico, este quer dizer que Deus é grande demais em relação ao homem. Quando a luz divina penetra o espírito humano, “[...] Tudo se torna apertado para a alma em tal estado; não cabe em si mesma, não cabe no céu nem na terra [...]” (DA CRUZ, 2002, p. 522), porém, para São João da Cruz, como para todos os místicos, a alma humana carrega em si a infinitude divina. Contudo, mantendo as potências humanas passivas e silenciosas, a divindade produz notáveis efeitos no espírito humano, dessa forma “[...] convém seja a alma posta em vazio, pobreza e desamparo de todas as partes, e deixada seca, vazia, e em trevas. A parte sensitiva é, pois, purificada na segura; as potências, no vazio de suas apreensões, e o espírito, em escura treva” (DA CRUZ, 2002, p. 499).

Os tratados místicos de João da Cruz apresentam essa progressão espiritual para Deus. Segundo ele, a purificação dos sentidos pela negação dos desejos e do espírito pela mortificação do entendimento pela fé, da memória pela esperança e da vontade pela caridade é necessária para chegar à união com Deus. As etapas de progressão espiritual para Deus, que caracterizam o itinerário místico dele, apresentam um método pedagógico interessante.

Essa parece ser uma das maiores contribuições dos escritos místicos de João da Cruz, em particular quando elaborou as obras *Subida do Monte Carmelo*, escrita entre os últimos meses de novembro de 1578 a junho de 1579, e *Noite Escura*, escrita entre os últimos meses de 1585 e os primeiros de 1586, já que as duas obras representam para o místico espanhol as etapas da formação espiritual dos conventuais em seu itinerário místico de união com Deus, notadamente no que se refere à formação elementar. Os escritos místicos, por exemplo, não eram somente instrumentos de formação dos conventuais; por meio deles se ensinavam, também, as primeiras letras às populações urbanas vindas do campo sem formação básica, sobretudo às crianças (DA CRUZ, 2002).

O valor da mística espanhola no século XVI consistia em seu realismo psicológico, vivencial, de valorização da dignidade humana e da descrição da experiência do homem pela imitação de Cristo. A mística de João da Cruz não se caracterizou somente como um tratado doutrinal ou manual; a sua experiência mística se desenvolveu dentro de um realismo vivencial, uma vez que não era suficiente, para ele, ter conhecimento sem experiência.



João da Cruz defendia a necessidade de se caminhar ordenadamente na vida espiritual pela meditação, oração e contemplação. E, também, pela dedicação aos estudos. Desse modo, um dos elementos mais significativos dessa pedagogia refere-se ao seu caráter afetivo, em que se trabalha, converte e transforma o amante em amado pela fé. Sua própria natureza é um dom livre, que se esforça sem ser obrigado; em todo lugar que esteja leva consigo a vontade do amante; a transformação do amante na pessoa amada não é um ato de violência, mas livre e voluntário; e, assim, o amor pode mudar e transformar qualquer coisa que deseje.

#### 4. CONCLUSÃO

As transformações culturais produzidas ou prefiguradas pelo Humanismo influenciaram decisivamente o ambiente intelectual do século XVI. Tratou-se de um período histórico favorável ao desenvolvimento da leitura e da escrita como condição necessária ao progresso do caminho místico de união para Deus. As obras de João da Cruz, sobretudo *Subida do Monte Carmelo* e *Noite Escura*, representam uma influente pedagogia que marcou o pensamento de sua época, ou seja, uma pedagogia essencialmente humanista e cristã, na qual é valorizado o diálogo interior com Jesus Cristo pela insistência na vida afetiva do espírito.

A formação elementar, em língua vernácula, em parte consequência da expansão do protestantismo, especialmente na Espanha contribuiu para que as pessoas recebessem um conjunto de ensinamentos e de práticas de conformação da espiritualidade ao hábito do privado e a sua submissão às vontades da autoridade pública, como expressão do novo papel do Estado.

As escolas de educação elementar caracterizaram-se pelo domínio das emoções e, também, pelo desenvolvimento de um senso mais elevado de pudor. A renovação dos centros urbanos e a autonomia adquirida pelas cidades contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento do processo educativo. As escolas de acesso exclusivo dos religiosos começaram a formar crianças, jovens e adultos para viverem nas cidades.

A pedagogia presente nas obras de João da Cruz privilegia a afetividade como espaço de expressão e de produção de conhecimentos. Essa pedagogia foi retratada no campo da espiritualidade mística, por meio da experiência como caminho essencial na busca pela verdade, tendo o domínio da leitura e da escrita em língua vernácula como etapa obrigatória para o encontro com Deus. Para tanto, a noção de experiência veiculada pela ação mística sobre o mundo não se limitava a uma visão de experiência alicerçada no senso comum, exigia esforço, dedicação e disciplina intelectual.

Desse modo, compreende-se que as obras de João da Cruz expressam o anseio de um período histórico de renovação das técnicas e dos instrumentos peda-

gógicos para o desenvolvimento de uma nova subjetividade, direcionada para a ação humana sobre o mundo. A mística de João da Cruz faz parte de um movimento religioso de renovação da espiritualidade que transformou a ação social do catolicismo, como modelo de evangelização, de desenvolvimento de subjetividade e de instrução, que incentivou uma ação ativa dos sujeitos no mundo.

## 5. REFERÊNCIAS

ANDRES, Melquiades. **La teología española en el siglo XVI**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977. Volume 2.

ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. Erasmo, o Humanismo e a Educação. In: **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 85-95, jan./jun. 2004.

—. A questão da educação na obra de Martinho Lutero. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 129-135, 1999.

BERNARDO, Débora Giselli. **Juan Luis Vives (1492-1540) e os ideais humanistas de educação na aurora da modernidade**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2005.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

DA CRUZ, São João. **Obras completas**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DE MONTOYA, Célia Ortiz A. **Historia de la educacion y de la pedagogía: Renacimiento a Kant**. Entre Rios, Argentina: Facultad de Ciências de la Educacion; Universidad Nacional del Litoral Paraná, 1968.

KRISTELLER, Paul Oskar. **El pensamiento renacentista y sus fuentes**. 2. ed. Trad. Federico P. Lopes. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1993.

LUTERO, Martinho. **Obras selecionadas**. Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1987-1996. 9 v.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

RIETH, Ricardo Willy. Filipe Melanchthon (1497-1560), reformador e humanista: síntese de sua contribuição à educação. **Revista Logos**, Canoas, v. 9, n. 2, p. 35-44, jul./dez. 1997.

PRAT, Angel Valbuena. **La vida española en la edad de oro: según sus fuentes literarias**. Barcelona: Alberto Martín, 1943.

RODRIGUEZ, Pedro Sainz. **La siembra mística del cardeal Cisneros y las reformas en la iglesia**. Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca/Fundacion Universitaria Española, 1979.

SCIADINI, Patrício. **San Juan de la Cruz: o poeta de Deus**. São Paulo: Palas Athena, 1989.

STINISSEN, Wilfried. **A noite escura segundo São João da Cruz**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SESÉ, Bernard. **João da Cruz: pequena biografia**. São Paulo: Paulinas, 1995.

UBBINK, Crisóstomo et alii. **Carmelita: um estilo de vida**. Olinda: Província Carmelitana de Santo Elias, 1980.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## NOTAS

1 Trabalho apresentado no VIII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR, no período de 30 de junho a 3 de julho de 2009, na Faculdade de Educação – Unicamp – Campinas, SP.

2 Doutor em Educação pela Unicamp. Professor do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Maringá/UEM-PR. E-mail: caatoledo@uem.br.

3 Psicólogo da Rede Municipal de Educação de Flórida-Paraná. Especialista em Pesquisa Educacional e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/UEM-PR. E-mail: ayresbarbosa@hotmail.com.

Recebido em: 26/4/2009.

Aprovado para publicação em: 17/7/2009.